

MARÇO DE 1914

N.º 3—60 réis



AQUI D'EL-REI!...

SUMÁRIO:

Um inquerito. Monarquia ou Republica? — Resposta d'um lavrador. — O Sr. Dr. José Pequito Rebello. — O interesse da Patria exige uma restauração monarchica. — Dois bons espiritos que se encontram. — O espirito da Tradição e o espirito da Sciencia moderna. — Comentarios. — O interesse pessoal do Rei garantia dos interesses geraes. — O que é a Tradição? — Como encontrá-la? — Existencia d'uma verdade politica portugueza. — *Action Française* e Ação Portugueza. — Gréve dos Ferro-viarios. — A Republica e a questão social. — Pedese um caricaturista. — Bate-me, mas não me deixes! — O novo Reino da Albania. — Porque não se fez uma Republica? — O sonho de Sua Excelencia... — A questão das colonias. — O que faz o governo? — A França já começa a preocupar-se. — As Republicas na politica internacional. — Revisão da Lei da Separação. — Um questionario. — E' parvo ou faz-se . . .

AUTOR, EDITOR E PROPRIETARIO

João de Amaral

* * * * DEPOSITARIOS * * * *

* * ALMEIDA & MIRANDA * *

* * * * COMP. E IMP. * * * *

Rua dos Poyaes de S. Bento, 135

* * * * LISBOA * * * *

I—Em que razões de ordem sociologica, historica ou politica, assenta a preferencia de V.^a Ex.^a pela Monarquia ou pela Republica, como formas de governo?

II—Qual dos sistemas lhe oferece melhor garantia de solução para a crise atual da Nação Portuguesa?

Porqué?

III—A questão politica deve reduzir-se sempre a uma questão moral? Será indifferente para as nações que os Estados adoptem qualquer forma politica logo que seja honestamente servida?

Segue-se a resposta do sr. dr. José Pequito Rebello; muitas circunstancias concorrem para que eu lhe ligue a maxima importancia; não é só a sua qualidade de descendente d'um homem que tanto se salientou nas luctas politicas da monarquia constitucional e que a esse facto deveu, d'algum modo, o trágico incidente que o prostrou; não se trata apenas d'um bacharel em direito, por mais vasta que seja a sua cultura, por mais brilhante que o seu espirito seja: — as palavras que vão ler-se constituem o depoimento d'um homem que ao cultivo da terra dedica os melhores momentos da sua laboriosa mocidade, provinciano e portuguez até á medula dos ossos, conhecendo como ninguem um dos mais interessantes aspectos da nossa vida economica, — a agricultura nacional. O sr. dr. José Pequito Rebello é um lavrador, por excelencia.

Resposta do sr. dr. Pequito Rebello

«...São, de facto, razões de ordem sociologica, historica e politica que me fazem preferir a Monarchia á Republica, e todas ellas se referem ao *interesse nacional*. A Sociologia, a Historia e a Politica conjuram-se em apresentar-me a Patria como a unidade social, historica e politica por excelencia, como uma das formas mais perfeitas da vida social ou, simplesmente, da vida. A razão maxima, pois, em que fundo a resposta que vou dar ao seu inquerito, é o interesse da Patria. Como applicar este criterio? Não por vazias abstracções, por intellectualismos morbidos, mas sim pelo claro methodo experimental. E como? Interpretando as experiencias da historia, recolhendo ensinamentos d'essa veneravel Tradição em que tomam uma voz solemne os conselhos dos mortos; verificar, assim, a fallencia universal das democracias, a prosperidade das monarchias autoritarias; auscultar esse desequilibrado monstro que se chama a Revolução, sentindo tudo que ella encerra de anarchia, de immoralidade, de absurdo; estudar a curva historica do declinar fatal das nacionalidades por ella desorganizadas, desde a phase em que apparecem ainda homens fortes que os proprios regimens depositos formaram, até aquella em que a democracia dá fructos plenos no abastardamento dos caracteres, no decair das competências, na extinção do senso nacional; especialisar estes principios na Historia Portugueza, indo procurar o filão da vitalidade da Raça no ponto em que os nossos maiores o deixaram pelas lusentes miragens da India e pela prestigiosa Renascença. O tempo não destruiu esta mina, que dorme nos nossos atavismos; — cumpre fazê-los espertar e levar Portugal, o povo que, por indole historica, deveria ser ao mesmo tempo o mais disciplinado e o mais audacioso, ao renascer das glorias antigas... E o primeiro passo para esta renascença ou antes o instrumento d'ella só pode ser uma Mo-

narchia tradicional, aquella que se obtem, abstraindo, na Tradição portugueza, dos elementos não portuguezes, a saber as más influencias contraidas na aventura ultramarina, o centralismo monarchico que a Renascença introduziu do direito romano, a utopia democratica que importamos de França na antiquada edição de 89-93. Esta monarchia é ao mesmo tempo: um regimen forte, realisação de uma tendencia concentradora, que ponha nas mãos do Rei, egoistamente interessado no bem publico por si e pela sua descendencia, as funções supremas de Chefe da Guerra, da Diplomacia, das Finanças geraes, e ultimo recurso de todas as deficiencias nacionaes, garantindo-se assim áquelas funções a unidade, a continuidade, a competencia, a intenção patriotica, a energia, que lhes são requisitos essenciaes, e ao mesmo tempo o regimen da *descentralisação*, das liberdades, pela constituição das ricas hierarchias familiares, profissionaes, administrativas e espirituaes.

A familia, fortalecida como a cellula social, o Municipio administrativamente autonomo, com a sua organização mergulhando fundas raizes na alma popular; a Provincia, com a sua original physionomia, tomando activa consciencia da sua individualidade economica e moral; a Industria, o Commercio, a Agricultura, desafogadas do parasitismo da politica partidaria e eleitoral, pacificadas por um regimen *corporativo* em que o proletario, liberto da utopia socialista, encontrasse effectivas garantias, prosperando sob a égide do Rei do Trabalho, imparcial e bem intencionado juiz na luta das classes; a vida espiritual da nação florescendo nas Universidades e Escolas livres e protegidas, nos Institutos de arte autonomos e servidos pela generosidade dos governos, na Igreja catholica, Religião tradicional, livre e privilegiada; a assembleia nacional e os Conselhos do Rei, reunindo periodicamente, no seu gremio, não os representantes de uma hypothetica Vontade Nacional, mas sim os authenticos procuradores dos corpos e das classes chamadas a colaborar com o seu Rei e realisando assim admiraveis actos de consciencia e vontade colletiva:

eis em tudo isto um espectáculo da Historia, que ao mesmo tempo representa as mais recentes concepções da Sociologia e da Politica.

De facto, com o movimento de reacção, nascido no intimo da consciencia nacional, vem interferir, reforçando-o, a orientação internacional da Sociologia e da Politica, hoje nitidamente conservadoras e monarchicas, orientação que tem o seu fóco na França que dest'arte se reabilita do mal que fez ás civilisações latinas servindo de canal aos dissolventes germens allemães, ingleses e suissos do protestantismo, do parlamentarismo, do individualismo... Bem hajam aquelles que se não cansam de vulgarisar os classicos francezes da Contra-Revolução; faz V. muito bem em aliar ao espirito historico, a doutrinação d'aquelles; merece tambem applauso de todos os patriotas a propaganda (á qual, dir-lhe-hei de passagem, devo o ter conhecido aquelles Mestres e, por elles, a Monarchia) do publicista que, sob o pseudonymo de Mariotte, vem fazendo, nos *Meus Cadernos*, uma utilissima destruição do preconceito liberal, varrendo assim o campo em que o estudo minucioso da nossa historia e das nossas condições poderá alicerçar as bases organicas da nossa renascença. Dizer-lhe quaes as razões sociologicas e politicas da minha preferencia, seria reproduzir-lhe a muito rica bibliografia d'aquelles mestres; demais, já deve considerar-se desperdicio gastar o tempo a provar a inabilidade, as contradicções, a mentira, a vacuidade dos *immortales* principios da Egualdade, Liberdade, Fraternidade, Bondade nativa do Homem, Contracto Social, Vontade Nacional, Direitos originarios, Descentralisação pela Democracia, Representação pelo Sufragio Universal, e tantas outras curiosas peças do macabro museu das revoluções. Seria longo tambem desfiar as deducções e observações em que se fundamentam o valor do principio da Hereditariedade, a necessidade de uma aristocracia aberta, as vantagens da tutella da Tradição, a utilidade da hierarchia, etc,

Tudo isto lhe terá dito bastante que prefiro a Monarchia, mas a verdadeira, não a Monarchia constitucional, que não passa de uma fórmula para desacreditar os Reis, impedidos de bem governar pelos

elementos *democraticos* (parlamentarismo, eleitorado, partidos, centralização, etc.) que tal monarchia encerra.

E prefiro-a como a melhor garantia de solução para a crise nacional, por isso que tal solução só pode fazer-se por uma obra de *unidade* perfeita, de *continuidade* e perseverança a longo praso, realisada acima das lutas partidarias e presidida por intenção nacional: para tudo isto é incompetente a Republica, regimen de incoherencia, de instabilidade, de incompetencia e de partidarismo; a garantia de tudo só pode ser o governo pessoal de um Rei; só elle pode *dirigir* a obra da nossa restauração economica, financeira, colonial, diplomatica, militar, espirital e politica. Elle dirigirá e será a garantia suprema; mas confiemos tambem na fecundidade da Familia, do Municipio, da Provincia, da corporação, da Escola, da Egreja, robustecidas pela descentralização, para a restauração do typo social e moral desorganizado. Depois de tudo isto, será preciso ainda dizer-lhe que não perfilho o erro famoso da indiferença das formas do governo?

Se a pseudo-monarchia, a monarchia constitucional, pouco differe da Republica, quando differem uma e outra da monarchia anti-parlamentar e descentralisada!

Pode uma nação republicana conter um valor global de homens egual ao de uma monarchia; mas que differença se, em virtude de factores *constitucionaes*, na primeira são os peiores que governam, e na segunda os melhores; e que differença, tambem, no facto de, em uma Republica, regimen essencialmente de immoralidade e incompetencia, os melhores homens ou se corrompem ou se inutilisam!...»—

—Já aqui me referi ao metodo experimental que me levou até á consciencia da verdade monarquica que defendo, em opposição ás abstrações filosoficas dos mestres da Revolução Franceza. Desde que o Estado é um mecanismo posto ao serviço da Nação, não ha logica, não ha raciocinios que possam defender um sistema politico em contradicção constante com o interesse nacional. E d'est'arte, embora a minha razão e a minha vaidade de intellectualista se revoltassem, por exemplo, contra o principio da

hereditariedade, contra a monopolisação do Poder pela familia reinante, contra o governo pessoal do Rei, — desde que eu desejo concorrer para o bem-estar da Nacionalidade e desde que o interesse da Nacionalidade, — constituída não sómente por mim, nem só pelos meus contemporaneos, mas tambem pelos nossos ascendentes e, principalmente, pelos nossos descendentes, — desde que o interesse da Nacionalidade, repito, exige uma garantia de indestructibilidade, de estabilidade e de permanencia; desde que essa garantia de estabilidade e permanencia não possa existir dentro d'um regimen onde todos, absolutamente todos, podem governar sempre que tenham artes de conquistar o Poder; desde que essa garantia só nos póde ser dada por um Homem para quem a Nação constitue um patrimonio, um bem de familia, que ele tem todo o interesse em conservar e aumentar, não sómente por respeito aos seus mortos, mas, acima de tudo, por amor de si proprio e por amor de seus filhos; — desde que isto é *assim*; desde que no governo dos homens devemos partir do conhecimento dos homens, do seu egoismo fundamental, do seu instinto de conservação, da sua tendencia para o mal sómente refreavel por uma ordem de coisas que harmonise os interesses individuaes com os interesses geraes e torne tão raras quanto possiveis as ocasiões de conflito entre uns e outros; — desde que a Vida é o que é e não o que deveria ser, — porque havemos de persistir na defeza d'um sistema politico que só não seria perigoso se realisasse esta mentirosa utopia: — a honradez de todos os homens que governam? Onde é que se viu que existissem, n'uma assembleia de 100 homens, 51 honestos, capazes de sobreporem, *inteligentemente*, os interesses da Nação aos seus proprios interesses? Não será muito mais humano, muito mais justo, contrapôr ou sujeitar todos os nossos egoismos, tantas vezes opostos entre si e muitas vezes em conflito com o interesse da Nação visto que um exige quasi sempre o sacrificio dos outros, — sujeitar, repito, todos os nossos egoismos ao egoismo do Rei, cujos haveres, cujo bem estar moral e material vivem ligados ao bem-estar da Sociedade?

Dir-me-hão que o Rei póde ser mau... Mas então, simplesmente

porque de cem em cem annos surge na familia reinante um individuo inferior, imbecil, tarado, perigoso, simplesmente por isso, nós devemos condemnar o regimen politico que nos dá tão longas épocas de paz, de labor tranquillo, e devemos preferir uma ordem de coisas dentro da qual o governo do paiz está continuamente á mercê de todas as flutuações, passando, duas ou tres vezes por anno, das mãos d'um qualquer Antonio José d'Almeida para as mãos d'um qualquer Afonso Costa ou d'um fulano Camacho que, embora não fossem como são, jamais alcançariam levar a termo uma obra uniforme de proveito nacional, porque tamanha empreza apenas se consegue ao cabo de longos annos de tentativas e experiencias cuidadosamente elaboradas!?

Ninguem ousará negar que El-Rei D. Carlos pagou bem horrorosamente, com a sua vida, com a vida de Seu Filho e com a posterior expulsão d'El-Rei D. Manuel, o peccado de não ter mandado para Timor os partidos politicos que pozeram a saque a Nação, que comprometeram tão profundamente o Real Patrimonio de Seu Filho. Já não aconteceu o mesmo com o sr. Afonso Costa; ele liquidou a questão de Ambaca com prejuizo de 6:000 contos para o Estado; ele foi acusado de imoralidades varias pelo senador João de Freitas; ele comprometeu o nosso dominio colonial; ele fomentou uma conspiração monarchica de maneira a inutilisar traiçoeiramente alguns adversarios do regimen; ele poz a Nação á beira d'um grave conflito diplomatico, abusando da boa-fé e da lealdade do ministro do Brazil a fim de se apossar d'um refugiado politico... Pergunto:— que mal lhe veio d'ahi? Nenhum: é rico; na sua moradia da Avenida Braancamp repousa tranquilamente entre os carinhos da familia, com o seu sorrisinho marujo, a sua camélia vermelha na lapela, encolhendo os hombros aos insultos dos outros. Dizem-me que, no governo, apenas satisfez os seus interesses pessoaes, e que augmentou o patrimonio dos filhos. E porquê? Porque o seu bem-estar pessoal e o bem-estar dos seus filhos preexistem após a sua saída do governo; e porque então, do mesmo modo que hoje, o interesse da sua familia nada tem com o interesse geral da Nação.

Muito embora declare que foram os Mestres da Contra-Revolução franceza quem o trouxe para a Monarquia, o sr. dr. Pequito Rebello entende, e muito bem, que nos não devemos afastar da Tradição Portugueza quando pensamos em encontrar a formula politica que nos convem melhor.

Não me sobeja agora o espaço para responder a esta pergunta d'um jornalista amavel:—em que consiste a Tradição portugueza?—Realmente, dado e provado que fomos um povo aberto a todas as influencias estranhas e que d'elas vimos soffrendo desde ha muito,—parece-me que a pergunta tem sua razão de ser, embora a resposta seja facil.

A formação da nossa nacionalidade resume-se n'isto:—conquista da Terra, a palmo e palmo; formação natural, espontanea e instinctiva de nucleos agrarios sob a fórma de municipios que, provar-se-ha, era uma conquista da civilização autoctone, anterior á dominação romana; consagração da verdade social—a Monarquia—feita pelo povo livre dos concelhos na pessoa do filho do Conde D. Henrique e na sua descendencia, como garantia de estabilidade e duração necessarias á vida economica d'esses nucleos agrarios ou municipios; trabalho de organização e aperfeiçoamento social que vae desde o Povoador até ao Principe Perfeito, entrecortado já com a conquista de Ceuta, sábia empreza de infantes que, prevendo a necessidade de expansão que mais tarde nos atirou para a India, cuidaram de legar-nos imperio ao pé da porta. Durante este tempo, os quadros institucionaes definiram-se, embora não tomassem força bastante para resistirem incólumes ao exgotamento das descobertas, á fúria imperialista e ás influencias do romanismo centralizador com que a Renascença dementou o nosso espirito d'aventura, muito inconsistente ainda.—De maneira que, tratando-se de dar á sociedade portugueza uma constituição organica, nós devemos lançar mão d'esta primeira fase da nossa vida social e aproveitá-la, nas suas bases, que são essencialmente portuguezas.

Na segunda fase que póde estender-se até ao liberalismo, a todo o

momento se observam as consequencias funestas da Renascença e dos Descobrimentos. Todavia, a nacionalidade manteve-se, defendendo-se leoninamente da ganancia castelhana e de todos os germens de desorganisação recentemente importados. Ora procure-se a força persistente que nos defendeu e resgatou:—no fundo encontrar-se-ha sempre a nossa primitiva organização social, subitamente afastada da sua natural evolução, mas não morta, antes reagindo sempre. Desde os municipios do Alemtejo, expulsando os hespanhoes n'uma lucta homérica de dezenas d'annos, até á revolta do Povo contra o cartismo de 20, que ele logo presentiu trazer-lhe, debaixo do manto d'uma Liberdade com / grande, o cerceamento, o aniquilamento de todas as suas liberdades, — facilmente descobrirá, quem não fôr cego, a existencia d'uma Tradição portugueza. Essa Tradição não está morta; se assim fosse, já a Nação portugueza não existiria. A Historia mostra-nos, repito, que só a ela devemos a vida. A Sciencia demonstra-nos por outro lado que no dia em que ela morrer, a Nacionalidade tombará como um corpo sem alma.

Feitos estes ligeiros comentarios á resposta do sr. dr. Pequito Rebello, dispenso-me de referencias detalhadas a um ou outro ponto que possa sugerir duvidas ao leitor, porque, na analise dos depoimentos que com este não concordem, haverei melhor ensejo para esclarecimentos.

Apenas uma observação me resta fazer, lealmente, ao sr. dr. José Pequito Rebello: — é que nas poucas palavras com que eu, precedendo a esposa do sr. dr. Hipolito Raposo, me referi á *Action Française* e ao trabalho de vulgarisação empreendido por Mariotte nos «Meus Cadernos» não foi intenção minha insinuar um menospreço que seria ou estúpido ou desprimoroso pelo grande esforço d'aquelle nucleo de doutrinação monarchica ou pela persistente propaganda do sr. Padre Amadeu de Vasconcellos (Mariotte) a cujo talento rendo preito.

Foi minha intenção apenas definir, pelas origens da nossa convicção monarchica, a minha e a do sr. dr. Hipolito Raposo, a não pequena diferença que existe entre um monarchico portuguez e um monarchico

francez. Assim, aproveitarei, logo que ele me surja, o ensejo de fazer a demonstração d'essa diferença, por mim ou por alguém que, melhor, muito melhor do que eu, o possa e queira fazer.

27 de fevereiro

Por detraz dos vidros gotejados, os olhos azues de S. Ex.^a olhavam cansadamente o céu. O carnaval chegára, finalmente. E os politicos, na bebedeira de gozo que tomavam, consentiam afinal que ele repousasse assim, na sua enorme poltrona de rodas, e se sentisse tão perto das desarmonias naturaes, quão longe se sentia d'aquelas harmonias sociaes^s que tinham sido o sonho ingénuo da sua loira mocidade.

O vento trazia-lhe cheiros de vasa e de marisco...

Poz-se a murmurar tranquilamente, docemente: — morrer... dormir... sonhar talvez... E adormeceu... E sonhou.

Viu-se em Coimbra, moço, esbelto e ignorante, alumiando com sorrisos de bondosa complacencia o rosto grave de S.^{to} Anthero do Quental. Luziram-lhe na lembrança, torturando-o com um riso do Eça, aquellas palavras, meigamente ironicas, do Poeta: — lá vae o Manoel com a sua vaga imbecilidade... Mas logo, subitamente, quasi meio seculo decorreu. E de novo se encontrou na velha cidade do Mondego, todo coberto de neve na cabeça, mas com a alma sempre nova, sempre quixotesco e infantil, prégando continuamente a omnipotencia de Deus, a humanisação dos brutos e as harmonias sociaes. Reitor duma universidade que ameaçara demolir, logo abre de par em par a velha Sala dos Capelos e resolve gritar as verdades sagradas da democracia, ali mesmo, perante os retratos dos reis, assombrados, extaticos. Acorreram os rapazes a ouvir-lhe as palavrinhas doces. Recorda-se, com tristeza, de ter visto certo moço de barbas louras, apostolicas, sorrindo; e uma duvida lhe surge: — seria o Anthero, disfarçado, a pensar na sua vaga imbecilidade?

— A borrasca redobrava, cá fóra; e, sobre o pedestal, dir-se-ia que tremia a estatua do heroe das Indias...

Via-se agora, na velha Sala dos Capelos, com o seu barretinho de dormir e um edredon macio nos joelhos. Falára já da Igualdade e da Fraternidade. «Para que falar da Liberdade? Acaso o proprio facto de ele estar ali dizendo aquelas coisas, antes da meia noite, não provava suficientemente o respeito da Republica e do povo pelas liberdades individuaes? A Liberdade é uma crisálida; Deus fez a crisálida logo fez a Liberdade! A existencia do burro não implica tambem a existencia da Liberdade? O que é o burro? E', metafóricamente, a negação da Inteligencia. Ora não se comprehende a utilidade social d'um ente que seja a negação da Inteligencia; todavia o burro existe: logo existe a Liberdade!»

Na assembleia, as cabeças pendiam...

Ele passou a interpelar os Reis: mas, ao encontrar os olhos frios e o aspecto féro dos afonsinos, tremeu, tremeu e ficou silencioso. Foram depois os d'Aviz; sentiu que a sua velhice branca e trémula se não podia medir com a bravura e a sábia mão dos Descobridores. Vieram por ultimo os Braganças; que diabo! apesar de tudo, ainda não se atrevia, não ousava... Até que, finalmente, os seus olhos azues toparam a face gorda de El Rei D. João VI. Riu-se de gozo e atirou-lhe algumas larrachas...

—Os rapazes começavam a erguer a cabeça novamente, espantados. —

E ele troçava o velho Rei. Aquele sim; era gordo; pouco feliz portas a dentro. E, principalmente,—aqui S. Ex.^a ergueu a voz bradando,—oh ceu! oh terra! oh mar!! e principalmente fôra cobarde, porque no momento em que a Patria corria perigo se escapára levemente pró Brazil!!

Houve na velha Sala um momento grave, enorme, de silencio; de repente, mysterio dos mysterios! a face gorda do Rei interpelado pareceu animar-se, cobrar alentos de vida; um sorriso bonacheirão, manhoso, desapegou-lhe os labios mortos; e uma vozinha roliça, fanhosa, brigantina, se ouviu em toda a sala, casquinando: — Gostava de saber o que farias, meu ginginha, se os francezes entrassem lá por cima...»

Uma gargalhada formidavel ecoou; os estudantes, os lentes, o mobiliario,

os archeiros, os proprios reis, na sua mudez de pinturas, rebolavam-se, rindo da piada...

E, n'um sobresalto, acordou tristemente: a tempestade não cessára. Tristeza de vida!...

28 de Fevereiro

O sindicato dos ferro-viarios resolveu adiar mais uma vez a grêve da classe. Em pouco mais de um mez fizeram-se dois movimentos; o que comporta dizer-se que já por duas vezes, n'estes primeiros sessenta dias do ano de 1914, a vida economica do paiz sofreu um choque brutal sem que d'aí adviessem melhorias para a situação economica de ninguem.

Pergunto: — qual a attitude dos governos republicanos perante este conflicto?

A mais lógica, inegavelmente.

O governo, em todos os casos análogos, encontrar-se-ha sempre n'uma posição de subalternidade em face das duas forças confligantes:— D'um lado o operariado, isto é, a força que fez a Republica; do outro lado, a finança, isto é, a força que a sustenta. O espirito revolucionario do operariado portuguez, quero dizer — do operariado sindicalista, agindo contra as instituições monarchicas em favor d'um Estado social mais proximo (?) do seu, provocou a repentina vitória do partido republicano. E o dinheiro da finança, municinando os cofres dos partidos e exigindo garantias, em troco das vitórias eleitoraes, fornece á Republica os meios de defeza indispensaveis para que ela se agunte nas flutuações da luta politica.

Qualquer caricaturista de talento haverá de plasmar este assumpto — a Republica e a questão social —, n'um tryptico, esbrazeante de ironia, onde se contenham os três protagonistas da bulha, dispostos da maneira seguinte: — o governo republicano, rôto, humilde e rastejante, entre dois crédores insaciaveis: o operariado exigindo o pagamento da

letra assignada nos tempos da propaganda; e a finança amostrando-lhe sardónicamente o orçamento da próxima campanha eleitoral.

Claro que os governos da Republica não podem hesitar entre uma divida contraida na boémia dos comícios, jogando a bisca nas tabernas, e a divida chic, contraida agora, cujo pagamento é indispensavel, sob pena de se ir a egrejinha toda a baixo e de S. S.^{as} se afundarem novamente na lama donde nasceram.

No entanto, toda a geute sabe que a Republica ainda hoje deve muitos serviços ao operariado portuguez e que, *malgré tout* este lhe tem assistido, carinhosamente, nos momentos peiores da sua mui atribulada existencia. Assim, a attitude d'esses humildes em face d'um regimen qu^e os enche de vexames e de perseguições, alguém o sintetisou já n'esta frásede rameira sofredôra: — pois sim: bate-me, mas não me deixes...

1 de Março

Na moradia senhorial de Neuwied, recebeu o futuro Rei da Albania as homenagens dos magnates do paiz. Dizem os jornaes que a cerimonia foi galante e pomposa, máu grado a *gaucherie* dos presentes, pouco afeitos a pragmaticas, no seu minuscuro paiz recém-desperto agora da barbaria mahometana.

Ao que se infere ainda das gazetas, o acto foi despido de ritualismos e todo se resumiu em uma troca de breves discursos entre Essad-Pachá e o principe de Wied. Um promenor, todavia, é digno de notar-se: — foi a entrega feita por aquele general ao Rei futuro, d'um pequenino cofre burilado adrêde, onde se guardavam cuidadosamente um punhado de terra e algumas gottas d'agua do paiz albanez; escuso de exaltar a forma delicada e bela como o povo livre da Albania entregou ao primeiro dos seus Reis a guarda e a posse da Nação.

« — Mas, scismará qualquer barbeiro da politica portugueza, mas

muito ignáros devem ser, com certeza, os albanezes para assim, na plena posse dos seus destinos, chamarem do estrangeiro uma família e darem-lhe o mando supremo da Nação, quando tudo indicava que, n'este seculo das luzes, se constituíssem em Republica seguindo-nos o geitô, e dentre si escolhessem governantes...»

Tem paciencia, meu barbeiro! Andam mui longe de ti os estadistas do Oriente para te seguirem os conselhos e o exemplo.

Eles pensaram, decerto mal guiados pela ignorancia, que sendo o seu paiz humilde e fraco; que mal liberto estando ainda do estrangeiro porquanto uma missão internacional o controlisa; e que sendo-lhe mister, para manter-se, andar com juizinho, sem desavenças no interior e com forças de apoio no exterior, — não lhes parecia muito acerto uma Republica onde a breve trecho, e por causa das ambições de todos, ninguém se entenderia, com grave risco para a tranquillidade do paiz, prá disciplina social, tão necessaria a quem vive do favor dos outros, e, finalmente, prá independencia da Patria. E deste modo, como garantia, livremente entregaram ao principe de Wied o pesadissimo encargo de velar pelos destinos da Albania, tanto mais que já no seio do Estado incipiente borbuhavam ambições contraditorias, prestes a estalarem, guerreando-se, mordendo-se, mal uma eleição presidencial as pozesse em conflito...

Como aconteceu, por exemplo, em certo canto da terra occidental, num pequeno paiz endividado e pobre, sobre o qual estão postos os olhos cubiçosos da estranja...

2 de Março

Os republicanos buzinando a todo o instante as excelencias da nossa situação internacional, e nós outros, monarchicos, procurando demonstrar ao publico que tal não é assim, — defendemos cada qual o nosso campo das enbuscadas do futuro. Porque a verdade é esta: — eles sabem muitissimo bem que, mais tarde ou mais cedo, a cobiça europeia nos ha-de retalhar, graças aos desvarios de toda a ordem cometidos

n'estes tres annos de Republica, tratando apenas de retardar o ajuste de contas até ao momento em que uma sublevação, uma tentativa monarchica, victoriosa ou não, dê azo a que eles atirem sobre nós as responsabilidades do caso. Pois bem! cumpre-nos esclarecer esta escura trama, cumpre-nos fazer sentir ao paiz caberem sómente aos republicanos as culpas de todas as desgraças em que incorreremos — hoje, com a Republica, amanhã porventura, com a Monarquia!

Raro é o dia em que os jornaes estrangeiros e principalmente o «Tems», jornal insuspeito de reacionarismo e considerado como um dictionario precioso para os internacionalistas de carreira, — raro é o dia em que esses jornaes não falam de nós, *da questão portugueza*, como d'um problema a resolver, comentando a partilha formal das nossas colonias, umas vezes sob o manto diafano dum acordo anglo-germanico sobre zonas de influencia, outras vezes confessando tratar-se de partilhas, é certo, mas referentes a territorios extra-europeus (?!) da Africa do Sul.

Mas embora fosse licito esboçarem-se duvidas n'uma questão tão claramente posta, o que não se comprehende é que o governo portuguez nada faça ou nada finja fazer, pelo menos, no sentido de tranquilisar a consciencia nacional, se é que existe ainda alguma dama d'este nome. E a contrastar com tal recolhimento do maior interessado n'esta causa, eis que já na França principia a falar-se na questão alvoroçadamente, visto que pelos modos a França não foi consultada por nenhuma das partes contratantes e os francezes presentem-se mais uma vez comidos pela Germania, como o foram em Kiel e em Tanger, mercê tambem da incompetencia da Republica para seguir uma politica internacional definida, atenta a instabilidade dos governos nos regimens democraticos.

O que é, porém, absolutamente necessario, desde já, é que o governo da Republica nos diga francamente se ao menos ficaremos com camisa no fim d'esta embrulhada; e que, se houver de dizer-nos qualquer coisa, o faça por intermedio d'um ministro que não use a cabeleira hirsuta, nem a vasta, espantosa ignorancia do sr. Antonio Macieira o qual, tendo alcançado um successo brutal no seu papel de Chico

das Pegas, jámais poderia ser tomado a sério pelos criados do Elyseu, quanto mais pelo secretario do sr. Poincaré . . .

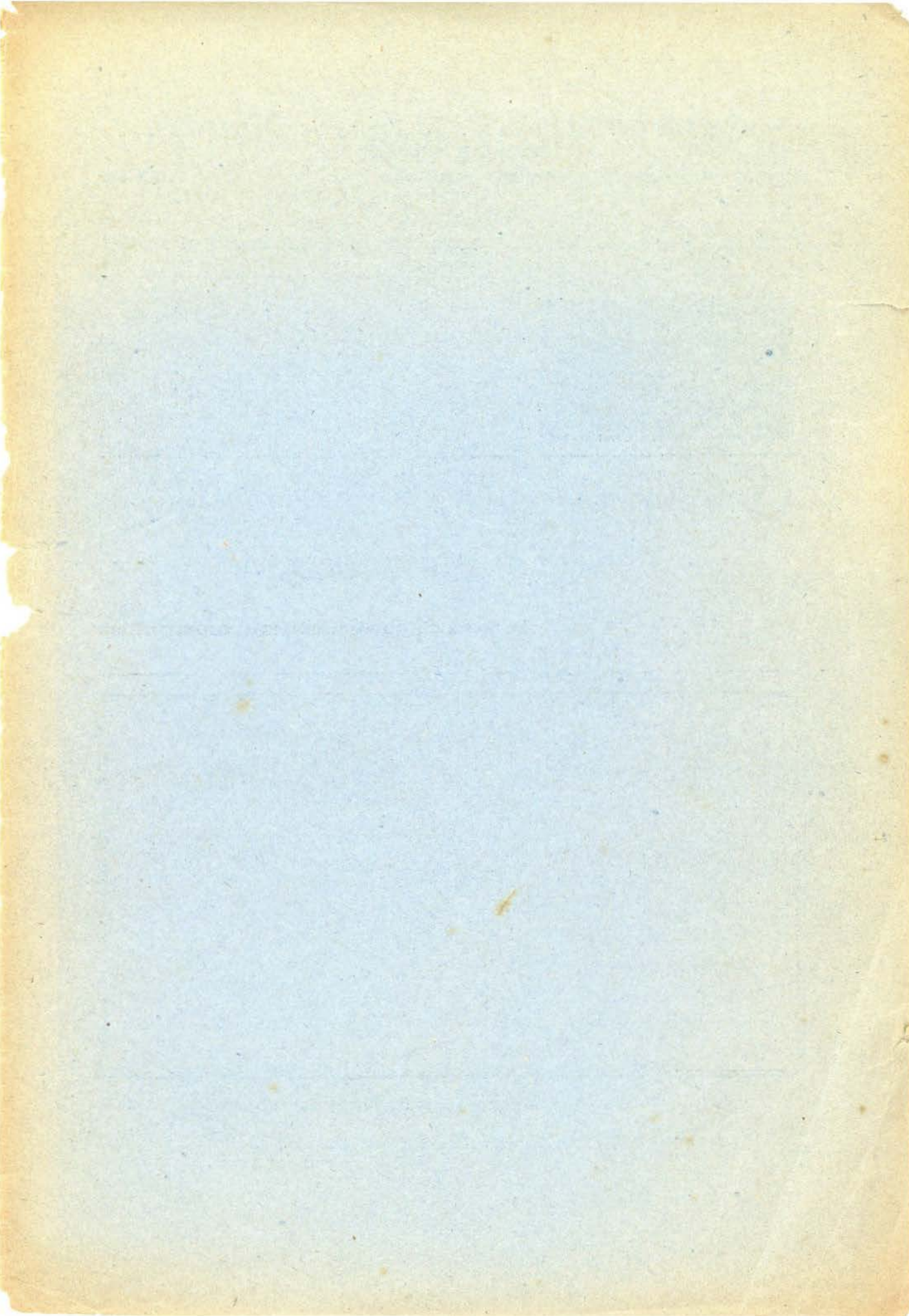
Vae discutir-se e revêr-se a Lei da Separação; aguardo esse momento para me referir á mensagem enviada pelos católicos ao Parlamento e analisar as baboseiras que, sobre o assumpto, o nosso Faustino bacoreje. Pelo documento que transcrevo a seguir, já os católicos poderão fazer juizo de como é que o governo alicerça as suas opiniões:

Pelo ministerio da justiça foi ontem enviado aos governadores civis, a fim de o transmitirem aos administradores do concelho e presidentes das camaras municipaes, o seguinte questionario:

1.º ; Tem havido nesse concelho conflitos motivados pela Lei da Separação?...
 2.º ; Por que motivo e quantas vezes? . . . 3.º ; Quem dirigiu esses movimentos: os padres, os agentes destes, a massa dos fieis provocada por elles, ou o povo em movimento espontaneo?... 4.º ; O povo sente e manifesta a necessidade do culto religioso? ; Por simples culto de tradição, por divertimento ou goso ou por má fé?... 5.º ; Parece-lhe que a Republica será prejudicada se a Lei da Separação não sofrer qualquer modificação no sentido de se facilitar, o culto externo? Ha, porventura, no movimento quem reivindique a causa das congregações religiosas? . . . 6.º ; O povo ou qualquer associação tem reclamado contra a applicação da citada lei?... 7.º ; Foram expulsos desse concelho alguns padres? ; Quantos e por que motivo?... 8.º ; Os padres expulsos teem sido substituidos? ; Quando regressaram, qual foi a attitude do publico e dos fieis; favoravel ou desfavoravel, hostile ou indifferente?... 9.º ; A concorrência aos templos tem augmento ou diminuido depois da proclamação da Republica? . . . 10.º ; Quantos padres pensionistas ha? ; Teem sidos perseguidos? ; Por quem e que motivo é alegado para a perseguição?... 11.º ; Nota-se fanatismo nesse concelho? ; Com que intensidade?... 12.º ; Quantas igrejas ha? Quantas se criaram depois da proclamação da Republica? Quantas se fecharam? ; Quantas se reabriram? ; Quantas foram interditas?... 13.º ; Que mais se lhe oferece dizer sobre o assumpto? . . .

Claro que os administradores do concelho ou presidentes das camaras, mandatarios do governo ou pessoas da sua confiança, nomeadas ou eleitas pelo sr. Afonso Costa, auctor da Lei, responderão em harmonia com a vontade do dono. . . Mas tudo isto é simplesmente ridiculo, santo Deus! E não haver um homem de coragem que á ultima pergunta responda em termos bem precisos: — . . . finalmente, só se me oferece dizer-lhe, sr. dr. Bernardino Machado, que V. S.^a, se não é parvo, faz-se. . .

— Voltarei ao assumpto.



Automoveis Sizaire et Naudin

(INDUSTRIA FRANCEZA)

Um torpedo completamente equipado..... 1.685\$

Ressano & C.^a

RUA RODRIGUES DA FONSECA, 34 E 36

✧ LISBOA ✧



VAGO

A sair brevemente:

“NAÇÃO PORTUGUEZA,”

Revista de doutrinarismo monarchico

VAGO

Dirigir os pedidos de assinaturas e mais correspondencia ao autor para a

Rua da Sociedade Farmaceutica, — 15 2.^o